

Os caminhos do falar fluminense

Leandro Almeida dos Santos

Submetido em 09 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 14 de novembro de 2017.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 55, dezembro de 2017. p. 64-86

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 29 de dezembro de 2017

17:59:59

OS CAMINHOS DO FALAR FLUMINENSE¹

THE WAYS OF 'FLUMINENSE' TALK

Leandro Almeida dos Santos²

RESUMO: Neste artigo são apresentados alguns aspectos sobre delimitação de áreas dialetais. Desse modo, este trabalho investiga as respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, para a questão 164 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB. A metodologia utilizada pautou-se em: a) leitura de textos teóricos; b) formação do corpus; e c) análise do corpus, objetivando identificar as variações diatópicas, a partir do cotejo com estudos semelhante, a saber: Ribeiro (2012), Portilho (2013) e Santos (2016). As análises buscam identificar os itens encontrados, com o intuito de verificar as escolhas realizadas pelos informantes, com vistas a apurar a vitalidade da divisão dialetal de Nascentes (1953). Vale ressaltar a contribuição do trabalho: catalogar a diversidade lexical da língua falada no país.

PALAVRAS-CHAVE: áreas dialetais; falar fluminense; léxico.

ABSTRACT: This article presents some aspects on delimitation of dialectal areas. Thus, this work investigates the responses of informants of Linguistic Atlas of Brazil – ALiB to the issue of the 164 – Lexical Semantics of ALiB Questionnaire. The methodology used was marked: a) reading of theoretical texts; b) formation of the corpus; and c) corpus analysis in order to identify the diatópicas variations, from the comparison with similar studies, namely: Ribeiro (2012), Portillo (2013) and Santos (2016). The analysis sought to identify the items found, in order to verify the choices made by the informants, in order to determine the vitality of dialectal division Springs (1953). It is worth mentioning the contribution of work: cataloging the lexical diversity of the language spoken in the country.

KEYWORDS: dialectal areas; fluminense talk; lexicon.

1. Introdução

O estudo que ora é apresentado integra o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que forneceu meios para fundamentar os caminhos teórico-metodológicos desta pesquisa. A pesquisa se propõe a analisar e verificar a vitalidade da proposta de Nascentes (1953) para a área do *Falar Fluminense*. Para o intento, optou-se por vários caminhos, além do diatópico, que é o prioritário. Assim, a sócio-história das localidades constitui-se como um dos caminhos possíveis para compreender a língua falada em uma região brasileira bastante heterogênea, no que tange aos processos de povoamento, e muito movimentada, quando observadas as linhas de migrações internas e externas, além disso, quando observada a importância de tal área para as várias fases econômicas e políticas do Brasil.

Sabe-se que os estudos sobre áreas linguísticas brasileiras, por meio dos dados dispostos no Banco de Dados do Projeto ALiB, têm sido bem frequentes. Destacam-se,

¹ Este artigo foi construído com base na dissertação de mestrado do autor, defendida e aprovada com distinção em maio de 2016.

² Professor da Faculdade Montessoriano. Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

neste sentido, alguns estudos como, por exemplo: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Romano (2015) e Santos (2016), que serão mais detalhados no item Fundamentação teórica.

A realização do estudo justifica-se pela necessidade de aprofundamento nos estudos sobre áreas dialetais brasileiras, sobretudo no tocante à área investigada, por meio do reconhecimento e caracterização dos itens lexicais, e por fornecer aos pesquisadores de várias áreas do saber informações linguísticas e sociais, que podem auxiliar as pesquisas futuras, além de oferecer materiais para o aprimoramento dos livros didáticos e para o tratamento da variação e mudança linguística no ambiente escolar.

Este trabalho evidencia os resultados de pesquisa sobre uma pergunta do Questionário Semântico-Lexical (QSL), a saber, 164. “Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 34), a fim de registrar os aspectos lexicais sob a ótica dialetal, baseado em dados coletados *in loco*.

Objetiva-se oferecer aos dialetólogos brasileiros algumas notícias sobre a atualidade da proposta de divisão dos falares brasileiros, estabelecida por Nascentes (1953), no que tange à delimitação do Falar Fluminense. De início, as leituras foram feitas com um intuito de obter um panorama sobre pesquisas semelhantes; em seguida, foi realizada uma comparação entre as variantes encontradas nos respectivos estudos; logo após, análises foram empreendidas sobre o *corpus*, a fim de demonstrar como os itens lexicais estão distribuídos nas regiões brasileiras e se são reveladoras de diferenças dialetais. Outro fato destacável é a observação da sócio-história das localidades, uma vez que a língua falada vai refletir os aspectos culturais e sociais pelos quais passa a comunidade.

Nota-se que as crenças, os valores, as ideologias, os pensamentos, bem como as emoções de um indivíduo são percebidas no discurso, porque:

A fala de uma pessoa pode indicar sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de instrução, nação ou região de origem... (PRETI, 2003, p. 49)

Desse modo, o léxico de uma comunidade perpassa por instâncias múltiplas e variadas das quais podem ser citadas a família, a igreja, a escola, bem como as mídias que são responsáveis por moldar, de certa forma, o repertório linguístico do indivíduo, muitas vezes, determinando algumas escolhas linguísticas em detrimento de outras.

Sabe-se que essas instâncias exercem um papel ímpar na formação ideológica de um indivíduo. Desse modo, muitas construções sociais são feitas; dentre essas, percebem-se, com destaque, o mito das cores, os tipos de brinquedos e brincadeiras, os tabus linguísticos, o comportamento social, os gestos e emoções etc. Todas essas construções são solidificadas, em determinadas culturas, por fomento das crenças e atitudes das pessoas, que, às vezes, são passadas de geração a geração.

Este estudo está inserido no âmbito das pesquisas desenvolvidas a partir do banco de dados do ALiB, considerando a riqueza infindável do léxico e as influências intra e extralinguísticas que, de certo modo, moldam essa constituição do arsenal linguístico da língua portuguesa.

2. Fundamentação teórica

Este trabalho centra-se em analisar os itens lexicais encontrados para a questão 164 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, na perspectiva diatópica, ou seja, voltando-se para a diversidade linguística espacial. Para tal, utilizar-se-ão os aportes teóricos da Geolinguística Pluridimensional e da Sociolinguística Laboviana.

É necessário enfatizar que muitos estudiosos perseguiram um traçado que desse conta das diferentes formas de falar do Brasil. Assim sendo, destaca-se a proposta de divisão dialetal elaborada por Antenor Nascentes, em 1922, reelaborada em 1953, na obra *O linguajar carioca*, a saber:

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25)

A divisão supracitada que foi baseada em dois fatos linguísticos, embora a pesquisa tenha sido feita pelas impressões do referido autor, é a proposta que vem sendo alvo de estudos críticos pelos pesquisadores brasileiros, conforme figura 1.

Fonte: BARBADINHO NETO (2003, p. 700)

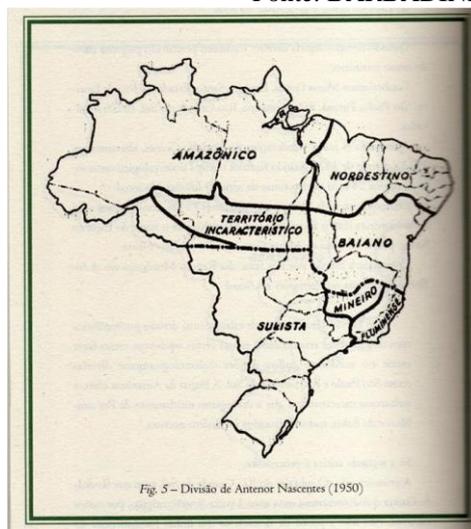


Figura 1– Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)

Com base na cadência e abertura das vogais médias em posição pretônica, Nascentes (1953) divide o Brasil em dois grupos – os falares do Norte e os falares do Sul – que foram subdivididos em seis subfalares – Amazônico e Nordestino, compondo os do Norte; Baiano, Fluminense, Mineiro e Sulista, que pertencem aos do Sul. Além disso, um território que nomeou de incaracterístico. A divisão de Nascentes (1953) tornou-se referência basilar para inúmeros estudos fonéticos, lexicais e morfossintáticos,

com os mais diversos interesses, mas, sobretudo, *pela delimitação de áreas dialetais*. (MOTA, 2006, p.321).

Acredita-se que há necessidade de uma nova proposição, porém com base em dados empíricos, e é o que vem sendo alvo de pesquisa da Dialetoologia no Brasil, pois:

[...] passadas mais de seis décadas da delimitação dos falares regionais do Brasil, por Nascentes (1953), os pesquisadores brasileiros, embora empenhados e incansáveis, ainda não conseguiram, com base em dados coletados *in loco*, atestar a atualidade da divisão dialetal proposta pelo autor ou traçar novo perfil para as áreas dialetais do Brasil (RIBEIRO, 2012, p. 79).

Citem-se, com isso, trabalhos que aludem às áreas dialetais brasileiras. É salutar trazer as considerações feitas por Zágari (2005), pois, contrariando as ideias de Nascentes (1953), com base na pesquisa empreendida para elaboração do EALMG, o autor estabelece três falares em Minas Gerais – baiano, paulista e mineiro, conforme figura 2.

Fonte: ZÁGARI (2005, p. 64)

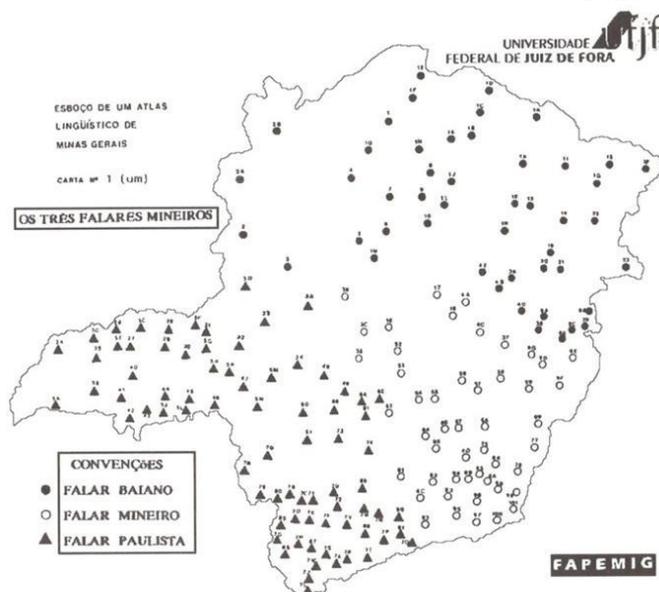


Figura 2 – Divisão dialetal de Minas Gerais

Contrariando as proposições de Zágari (2005), duas estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto, Gonçalves e Silva (n.d), orientadas pela professora Ana Paula Rocha, membro do *Projeto ALiB*, avaliaram e levantaram pontos passíveis de maiores discussões, tais como o caso da cidade de Patos de Minas, localizada na região do Triângulo Mineiro, não apresentar, com frequência, o uso do [r] retroflexo, conforme critérios homogêneos; além desse, conforme as autoras, há outro caso problemático: o das vogais orais faladas no Vale do Aço, que possuem maior tendência de abaixamento, caracterizando a área como um *falar baiano* e não mineiro, como descrito por Zágari. Ao concluir a pesquisa, as autoras afirmam:

O trabalho de Zágari teve grande importância tanto como pioneiro nos estudos dialetais em Minas Gerais, quanto no contexto nacional, por ser mais uma contribuição na descrição do português falado no país. No que diz respeito ao estado, sua divisão em três zonas dialetais, ou três falares, é o primeiro caminho da descrição da língua efetivamente falada por aqui, e tem enorme utilidade para os estudos atuais na medida em que é possível comparar seus dados com dados coletados na atualidade, além de ser uma base de auxílio para pesquisadores neste novo século. A maior facilidade de locomoção e acesso aos municípios mineiros, e as novas tecnologias disponíveis, propiciam a realização mais prática de trabalhos de sondagem e mapeamento lingüístico, inclusive o ALiB, e a partir dos novos dados coletados, também a comparação com estudos anteriores. (GONÇALVES; SILVA, n.d, p.8)

Nesse âmbito, destaca-se outro trabalho – *Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos* – de Renato Pereira Aurélio, dissertação defendida em 2012, na Universidade Federal do Espírito Santo. No estudo, o autor analisa oito pares de cartas lexicais dos dois atlas, APFB e ALES, tentando estabelecer, com base em dados empíricos, caracterizações da fala no Espírito Santo, além de desmitificar que os capixabas carecem de uma identidade linguística, afirmando que a diversidade cultural é propiciadora da riqueza linguística do Espírito Santo. Sobre as divisões feitas por Nascentes (1953) e Zágari (2005), o autor advoga interferências linguísticas do estado baiano sobre o estado capixaba.

Com relação à classificação de Nascentes (1953) sobre os dialetos brasileiros, apesar de ser confirmada em muitos estudos, demanda análises mais profundas em cada região, com dados representativos de todo território brasileiro (ALTENHOFEN, 2002), a fim de se comprovar o estudo. É o caso do Espírito Santo, classificado apenas no subfalar carioca. Para Rodrigues (2008), o detalhamento da fala capixaba demanda uma revisão dessa classificação, de modo que esse estudo buscou contribuir com essa proposta. Considerando-se a hipótese levantada a partir do estudo feito por Zágari (2005), em Minas Gerais, em que o autor identifica área do subfalar baiano, é possível dizer que no Espírito Santo ocorre processo semelhante. A presença de algumas lexias baianas em solo capixaba revela a ocorrência de áreas linguísticas ao norte do Espírito Santo. Por outro lado, a presença de algumas lexias do Espírito Santo no sul da Bahia também pode caracterizar influência (AURÉLIO, 2012, p.118-119).

Persistindo nos trabalhos que aludem aos limites dos falares brasileiros, cita-se a pesquisa realizada por Ribeiro (2012). Em sua tese de doutoramento, a referida autora se propôs a estudar a vitalidade do falar Baiano, utilizando as elocuições de 244 informantes das 57 localidades – pertencentes à área escolhida e áreas limítrofes, as quais foram nomeadas como área de controle – que compreendem 11 estados, distribuídos em quatro regiões país. Para tal, foram utilizadas as 13 questões do campo semântico *jogos e diversões infantis* do Questionário Semântico-Lexical, conforme quadro 1.

Quadro 1– Perguntas do campo semântico *jogos e diversões infantis* do QSL – ALiB.

Questionário Semântico-Lexical (jogos e diversões infantis)
--

Nº	Perguntas
155	Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (<i>Mímica</i>).
156	Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?
157	Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (<i>mímica</i>), que os meninos usam para matar passarinho? (<i>Mostrar gravura</i>).
158	Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?
159	É um brinquedo parecido com o ____ (<i>cf. item 158</i>) também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?
160	Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?
161	Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?
162	Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?
163	Como se chama esse ponto combinado?
164	Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?
165	Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? (<i>Mímica</i>) (<i>Mostrar gravura</i>).
166	Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? (<i>Mímica</i>) (<i>Mostrar gravura</i>).
167	Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (<i>mímica</i>) e vão pulando com uma perna só? SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA.

Portilho (2013), ao selecionar o mesmo campo temático investigado por Ribeiro (2012), *jogos e diversões infantis*, buscou atestar a vitalidade de outra área dialetal, o *Falar Amazônico*. Sabe-se que foram escolhidas 20 localidades pertencentes à área geográfica em análise, adicionadas a seis localidades que compõem os pontos de controle³. Portilho (2013) privilegia duas abordagens: a diatópica e a léxico-semântica.

Romano (2015), com a tese intitulada *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*, investigou o *subfalar sulista* proposto por Nascentes (1953), elegeu cinco questões: QSL-001; QSL-039 – QSL-132; QSL-156 e QSL-177⁴, do Questionário Semântico-Lexical do *Projeto ALiB*, pertencentes a campos semânticos distintos, objetivando comprovar a vitalidade da área. Foram utilizadas, na

³ Portilho (2013) adota o mesmo critério definido por Ribeiro (2012), ao estabelecer “área de controle”.

⁴ As questões utilizadas buscam referentes para: *Córrego, Tangerina, Menino, Bolinha de Gude e Geleia*, respectivamente.

pesquisa, elocuições de 472 informantes, das 118 localidades do Brasil, entre capital e interior, situadas em nove estados. Conforme critérios metodológicos previstos na pesquisa, para não enviesá-la, não foram utilizados os dados orais dos informantes com nível superior.

A dissertação de Leandro Almeida dos Santos teve a mesma linha de abordagem que Ribeiro (2012) e Portilho (2013), o mesmo campo semântico *jogos e diversões infantis*, com o objetivo de testar a área denominada como o *Falar Fluminense*. Foram utilizadas, para a pesquisa, elocuições de informantes de 152 informantes, oriundos das 35 localidades, situadas nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Bahia, conforme quadro 2. A pesquisa se destaca por ser, até pelo que se tem notícia, a primeira a abordar a abrangência total do subfalar em questão.

Quadro 2 – Rede de pontos da área do *Falar Fluminense* e Pontos de Controle

Estado	Rede de Pontos ALiB	Localidade	<i>Falar Fluminense</i> (1953)	Ponto de Controle	Pontos Nascentes (1958)
UF	N.º Ponto	Nome da Localidade	FF	PC	PN
BA	102	Caravelas		X	X
MG	129	Pedra Azul		X	
MG	133	Teófilo Otoni	X		X
MG	134	Diamantina		X	X
MG	138	Belo Horizonte		X	X
MG	139	Ipatinga	X		
MG	142	Ouro Preto	X		X
MG	143	Viçosa	X		X
MG	144	Lavras		X	X
MG	145	São João del Rei	X		X
MG	146	Muriaé	X		X
MG	148	Juiz de Fora	X		X
MG	149	Itajubá		X	X
SP	175	Taubaté		X	
SP	176	Guaratinguetá		X	
SP	180	Caraguatatuba		X	
ES	188	Barra de São Francisco	X		

ES	189	São Mateus	X		X
ES	190	Vitória	X		X
ES	191	Santa Teresa	X		X
ES	192	Alegre	X		
RJ	193	Itaperuna	X		
RJ	194	São João da Barra	X		X
RJ	195	Campos dos Goytacazes	X		X
RJ	196	Três Rios	X		X
RJ	197	Nova Friburgo	X		
RJ	198	Macaé	X		X
RJ	199	Valença	X		X
RJ	200	Petrópolis	X		X
RJ	201	Nova Iguaçu	X		X
RJ	202	Rio de Janeiro	X		X
RJ	203	Niterói	X		X
RJ	204	Arraial do Cabo	X		
RJ	205	Barra Mansa	X		X
RJ	206	Parati	X		X

Conforme pode ser notado no quadro 04, a área denominada como *Falar Fluminense* por Nascentes (1953) abrange, em maior parte, a região sudeste (Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais), totalizando 26 localidades, sendo 14 pertencentes ao Estado do Rio de Janeiro, cinco localidades pertencentes ao Espírito Santo, e, por fim, sete localidades pertencentes a Minas Gerais. Porém, a fim de verificar as áreas limítrofes do entorno do *Falar Fluminense*, buscou-se estabelecer *uma Área de Controle que tem por objetivo testar se a posição e o dimensionamento do traçado refeito na atualidade estão corretos e se a área prevista pelo autor [...] ainda tem validade* (RIBEIRO, 2012, p. 138). Então, desse modo, estabeleceu-se esta área, seguindo o modelo da referida autora, ser o ponto ALiB mais próximo da linha do falar pesquisado. Sendo assim, para a área em análise, foram escolhidas nove localidades, distribuídas em cinco localidades de Minas Gerais, três localidades de São Paulo e uma localidade da Bahia. A área anteriormente descrita pode ser observada por meio da figura 3.

Fonte: SANTOS (2016, p. 68)

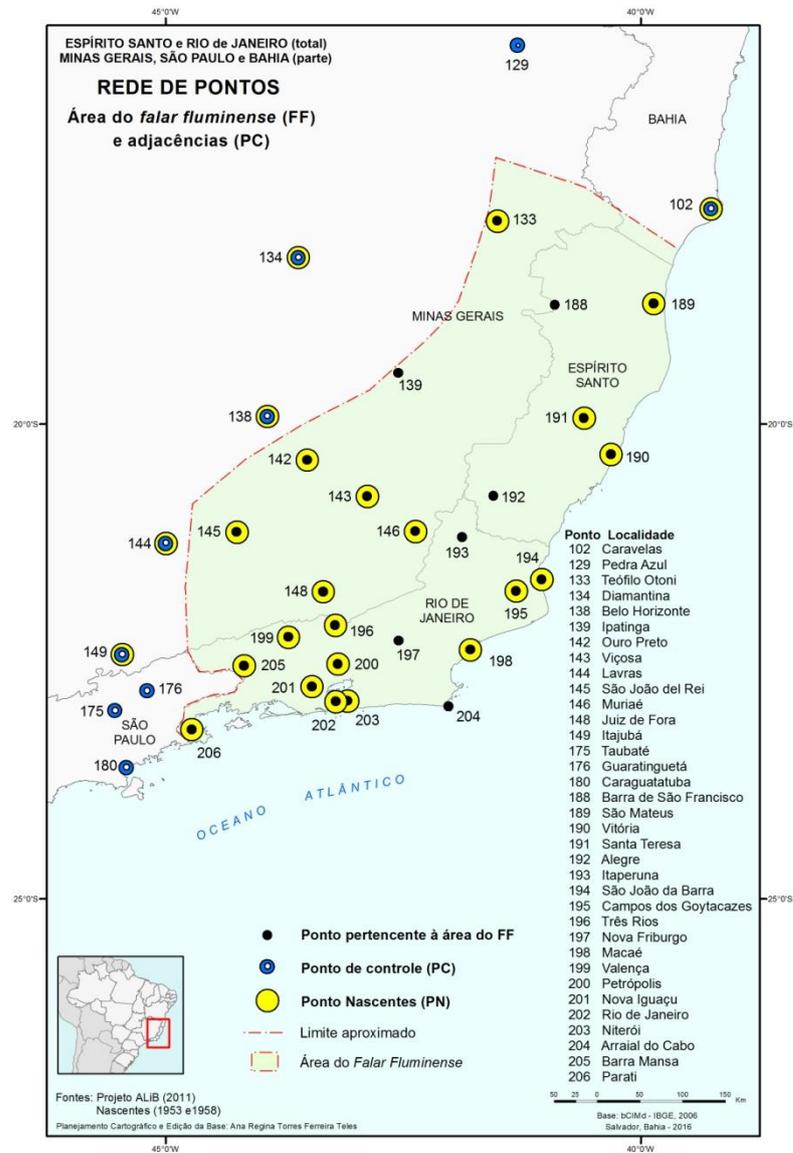


Figura 3 – Carta Rede de Pontos

Além disso, torna-se relevante destacar que os dados serão tratados com dois enfoques principais, a saber, o diatópico, a fim de atingir o objetivo geral da pesquisa, e o diastrático, objetivando verificar as influências dos fatores sociais – idade, sexo e escolaridade – e sócio-históricos, atentando-se para a história, cultura e formação das localidades sobre as preferências lexicais dos informantes, assim, corroborando com o traçado das isoglossas geográficas.

Optou-se, neste trabalho, por destacar os trabalhos que focalizaram o léxico, com o objetivo de fornecer subsídios para o (re)conhecimento sobre áreas dialetais brasileiras, utilizando os dados do *Projeto ALiB, em especial*, àqueles que examinaram a questão 164 do QSL, pertencente ao campo semântico jogos e diversões infantis, a fim de comparar com os resultados na área em estudo, o Falar Fluminense.

A importância dos estudos sobre o campo semântico dos jogos e diversões infantis do QSL – ALiB, pois eles podem fornecer pistas para uma fotografia dialetal do país, podendo confirmar as proposições de Nascentes (1953) na atualidade.

2.1 A Sócio-história das localidades

Apresenta-se um breve panorama histórico dos fatos considerados importantes para o entendimento da formação cultural, identitária e linguística da região em estudo, uma vez que tal região desempenhou um papel de extrema relevância para o desenvolvimento do país.

Com isso, destaca-se que para estudar a língua falada faz-se necessário atentar-se para a história da própria língua, a história dos seus utentes, bem como observar os contextos históricos propiciadores, de certo modo, de influências para determinados jeitos e modos de falar, além de favorecer determinadas escolhas lexicais.

Buscou-se, por esse viés, apresentar pequenos retratos dos Brasis dentro do Brasil, observando os aspectos históricos, políticos, econômicos de diversas ordens, ao buscar trazer à tona fatos que podem esclarecer a formação e desenvolvimento dos povos habitantes na área em estudo.

É de senso comum, no imaginário popular brasileiro, que os primeiros contatos entre o colonizador português e os povos aborígenes foram amistosos e felizes. No entanto, estudos históricos críticos vêm desmitificando essa ideia de formação nacional romântica e utópica, haja vista as violências – cultural, física e linguística – impostas pelos colonos nas novas terras. Como o choque entre as culturas, a miscigenação ergue-se como um pilar fundamental de uma das faces do Brasil, propiciada, inicialmente, pelos portugueses e os índios, com a inserção dos negros, oriundos da África, posteriormente.

Destaca-se como outro elemento político-ideológico e influenciador o papel desempenhado pela Igreja Católica, grande apoiadora das navegações portuguesas e espanholas, com a função de catequizar os povos conquistados, a fim de rendê-los aos caprichos dos colonizadores. Evidenciam-se, aqui no Brasil, os padres jesuítas da Companhia de Jesus e os sermões do Padre Antônio Vieira.

Inicialmente, a ocupação e colonização do território conquistado se deram no litoral. Fatores políticos e econômicos, conforme atesta a história do Brasil, levaram ao D. João a segmentar as novas terras colonizadas em Capitânicas Hereditárias.

Portugal, desejando ocupar e colonizar a nova terra e não tendo recursos para fazê-lo, à custa do erário real, outorgou para isso grandes concessões a nobres e fidalgos, alguns deles ricos proprietários, e outros já experimentados nas expedições às Índias. Concedeu-lhes outrossim, o Rei, vários de seus direitos políticos, indispensáveis ao fortalecimento da autoridade de quem ia correr tão graves riscos. [...] ‘Mas essas vantagens a serem auferidas pelos donatários pressupõem povoações, lavouras, comércio, trabalho organizado e capital acumulado, o que tinha de ser obra do tempo longo e do imediato dinheiro (SIMONSEN, 1977, p. 81).

Devido a essa divisão, cada donatário tinha por tarefas basilares cuidar, proteger, ocupar e utilizar as terras da melhor forma possível, com um intuito de defendê-las dos ataques e interesses alheios. Tal estratégia da corte portuguesa é, hoje, muito representativa para entender o Brasil, sob o ponto de vista geográfico e linguístico. As terras foram assim divididas em lotes e 14 capitânicas, conforme figura 4 a seguir.

Fonte: Disponível em: <<http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio/capitanias-hereditarias.html>>. Acesso em: 02 fev. 2016

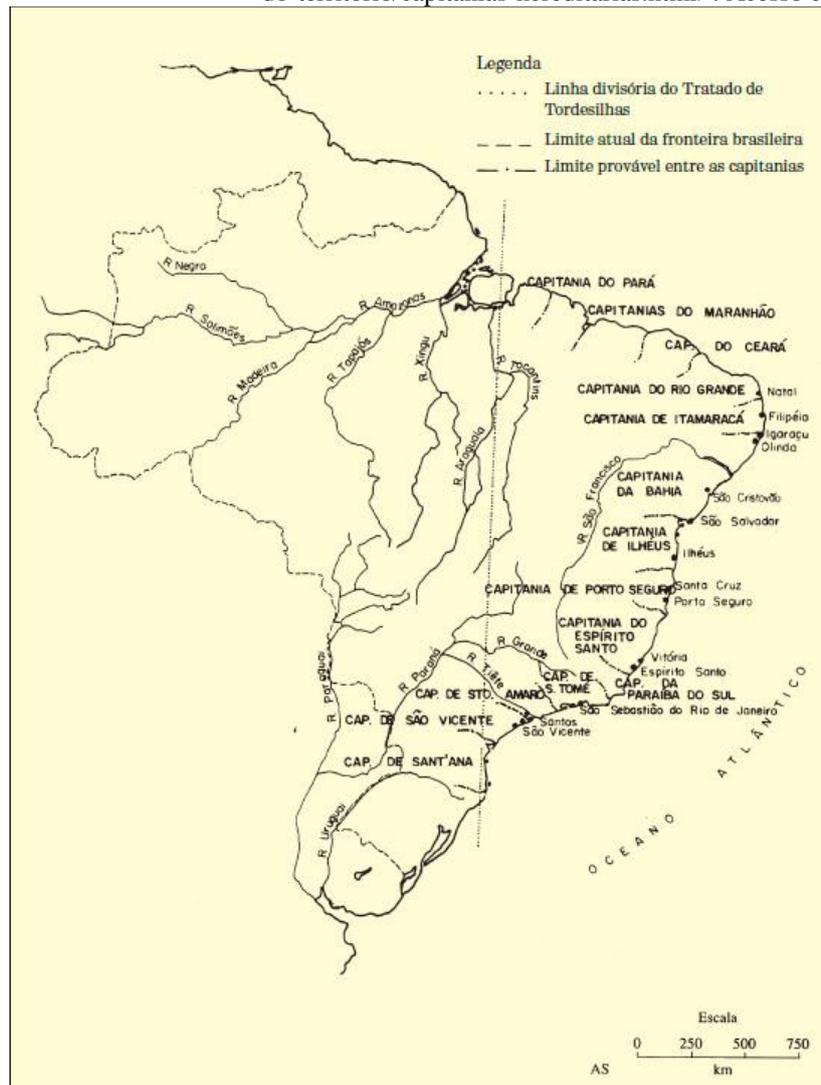


Figura 4 – Capitânicas Hereditárias

Algumas capitânicas instaladas conseguiram se destacar, a saber: Pernambuco e Bahia, com o cultivo da cana-de-açúcar, com base na mão-de-obra escrava negra; Espírito Santo e São Paulo inicialmente, pobres, pois as terras não eram produtivas para o cultivo da cana-de-açúcar e a plantação do pau-brasil era insignificante.

Com a crescente crise entre as capitânicas paulistas, São Vicente e Santana, ergue-se um movimento de expansão econômica, geográfica e política – as bandeiras –

com a fusão dos portugueses com os indígenas, intentando desbravar o interior do país, até então, desconhecido, em busca de ouro e riquezas. É com o alvorecer das ideias de avançar para o interior e, conseqüente, descoberta do ouro em Minas Gerais, que o país passa para um novo ciclo, deixando o ciclo da cana-de-açúcar pelo ciclo do ouro.

Os bandeirantes trouxeram importantes legados para a formação nacional, uma vez que movimentos migratórios intensos se voltaram em busca das riquezas recém-descobertas. Dentre esses legados, vale ressaltar a criação de vilas e cidades, pois a mineração trouxe em seu bojo inúmeras transformações para a sociedade brasileira.

Ao se considerar essas transformações, destaca-se a transferência da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro, devido à localização geográfica para escoar as riquezas das minas. É salutar destacar a estrada construída nesse período, visando transportar ouro e diamantes, a Estrada Real, conforme pode ser visualizado na figura 5 que segue, com quatro caminhos, a saber: Caminho Velho – foi o primeiro caminho traçado e trilhado pelos portugueses para ligar Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ), também é conhecido como Caminho do Ouro; Caminho Novo – caminho criado com o objetivo de dar mais segurança no transporte das riquezas descobertas e extraídas, no traslado entre os portos de Paraty (RJ) e Rio de Janeiro (RJ); Caminho dos Diamantes – ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Diamantina (MG); e o Caminho de Sabarabuçu – corresponde a ligação entre as cidades de Ouro Preto (MG) e Sabará (MG), rota que ganhou destaque comercial.

A economia colonial no Brasil, então, pauta-se, depois de anos, no desenvolvimento da economia cafeeira, sobretudo entre o eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre os importantes marcos desse novo ciclo, destacam-se a construção de ferrovias para escoar a produção de café e o vulto dado à grande produção cafeeira em São Paulo. É lícito afirmar que a economia cafeeira colaborou para o processo de urbanização do país, além da incorporação do trabalho assalariado livre – com a chegada de imigrantes oriundos de várias partes da Europa – e da implantação de técnicas mais modernas de cultivo.

Através de testemunhos documentais históricos, atesta-se que as migrações internas e externas foram fundamentais para a ocupação do território, o desenvolvimento dos povos, o fomento da cultura local e os costumes linguísticos peculiares de cada região.

Devido a vários fatores internos e externos, esses fluxos migratórios são elucidativos para entender o caráter da fala brasileira, ora heterogênea, ora homogênea dentro de inúmeros Brasis dentro de um país, tais como: crises econômicas, desempregos, pestes, seca e fome. Essas são as principais razões de êxodos em busca de uma terra que ofereça melhores condições de sobrevivência.

Após esse panorama histórico, apresentam-se resumos da sócio-história das localidades, com o objetivo de noticiar fatos destacáveis de cada localidade escolhida para a presente pesquisa.

Observa-se que, embora as terras tenham sido visitadas com a chegada das navegações portuguesas no século XVI, somente no século XVIII Caravelas ganhou *status* de cidade. Em Minas Gerais, ao observar as datas de fundação, as cidades são, majoritariamente, do século XIX. Mas notam-se também cidades com datas de fundação do século XVIII e XX. No estado de São Paulo, as cidades mencionadas anteriormente são todas fundadas no mesmo século, XVII, ou seja, foram terras povoadas em momentos históricos próximos. As cidades capixabas são fundadas no século XIX, a exceção da capital, Vitória, fundada no século XVI, e da cidade de Barra de São Francisco, fundada no século XX. Portanto, foram cidades fundadas em momentos históricos distintos. No estado do Rio de Janeiro, como pode ser observado, há cidades fundadas em diferentes períodos da história do Brasil, mas há um predomínio das cidades fundadas no século XIX, embora tenham cidades com data de fundação nos séculos XVI, XVII e XVIII.

3. Análise dos dados

Os dados para este estudo foram extraídos das cartas lexicais produzidas pelos respectivos trabalhos dos já mencionados pesquisadores do ALiB. Em seguida, foi feito o levantamento dos itens lexicais que nomeiam a brincadeira em questão, fazendo um cotejo entre os itens encontrados em cada área estudada e foi verificado se tais itens são reveladores de diferenças dialetais.

“Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34) QSL, número 164, pergunta que busca apurar as denominações para uma brincadeira cantada pertencente ao folclore brasileiro.

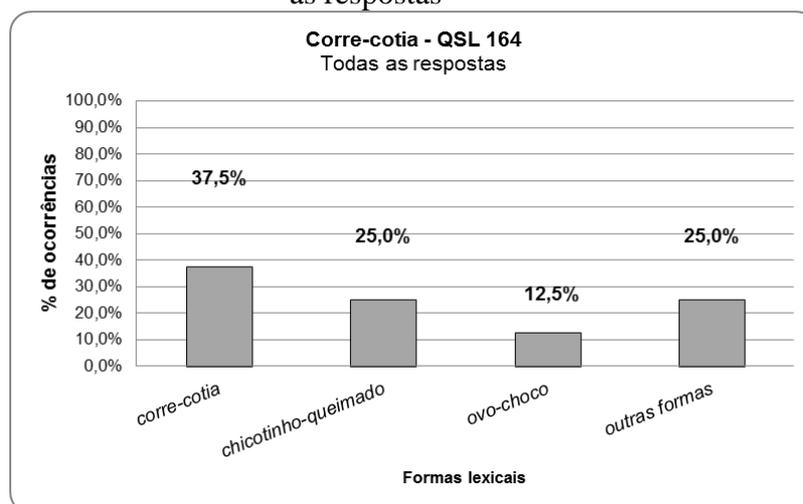
Constata-se que a pergunta não foi produtiva. Sendo assim, poucas respostas foram obtidas. Na tabela 1, apresentam-se os dados obtidos, os valores absolutos e valores relativos. Para essa pergunta, foram contabilizadas 154 ocorrências, das quais 83,8% são de NS/NL/NO, totalizando 129 ocorrências.

Tabela 1 – Frequência das formas lexicais documentadas para QSL/164 – todas as respostas

Formas lexicais	Total absoluto	Total relativo
<i>corre-cotia</i>	10	37,5%
<i>chicotinho-queimado</i>	6	25,0%
<i>ovo-choco</i>	3	12,5%
<i>outras formas</i>	6	25,0%
Total	25	100,0%

Nota-se que a brincadeira, na região analisada, é conhecida e nomeada pelas formas *corre-cotia*, com 37,5%, *chicotinho-queimado*, com 25%, *ovo-choco*, com 12,5% e *outras formas*, 25%, que estão agrupadas – são elas: *ovo-amarelinho*, *galho-seco*, *rabo*, *roda-roda*, *pega lenço* e *maria chiquinha*, com 6 ocorrências, conforme visualiza-se no gráfico 1.

Gráfico 1 – Percentual das formas lexicais documentadas para QSL/164– todas as respostas



Em relação à distribuição das formas no espaço geográfico em análise, nas localidades do Espírito Santo, foram documentadas quatro formas: *ovo-choco*, que foi a mais produtiva, *chicotinho-queimado*, *rabo* e *ovo-amarelinho*, as duas últimas como

outras formas. Nas cidades do Rio de Janeiro, há poucas ocorrências, mas destaca-se que os informantes dessas localidades não conhecem ou não sabem nomear a brincadeira cantada. Tal situação se repete, em Minas Gerais, nas cidades pertencentes à área estudada. No entanto, foram documentadas ocorrências de *corre-cotia*. Nas cidades interioranas de São Paulo, o índice também é elevado de NS/NL/NO⁵, com ocorrências de *corre-cotia* e *roda-roda*. Na Bahia, em Caravelas, *chicotinho-queimado* e *galho-seco* foram as formas documentadas.

Com isso, a área do *Falar Fluminense* registra-se o alto índice de respostas não obtidas, conforme pode ser visto na carta linguística 1.

⁵ As siglas têm os seguintes significados, respectivamente: Não Sabe; Não Lembra e, por fim, Não Obtida.

Fonte: SANTOS (2016, p.164)

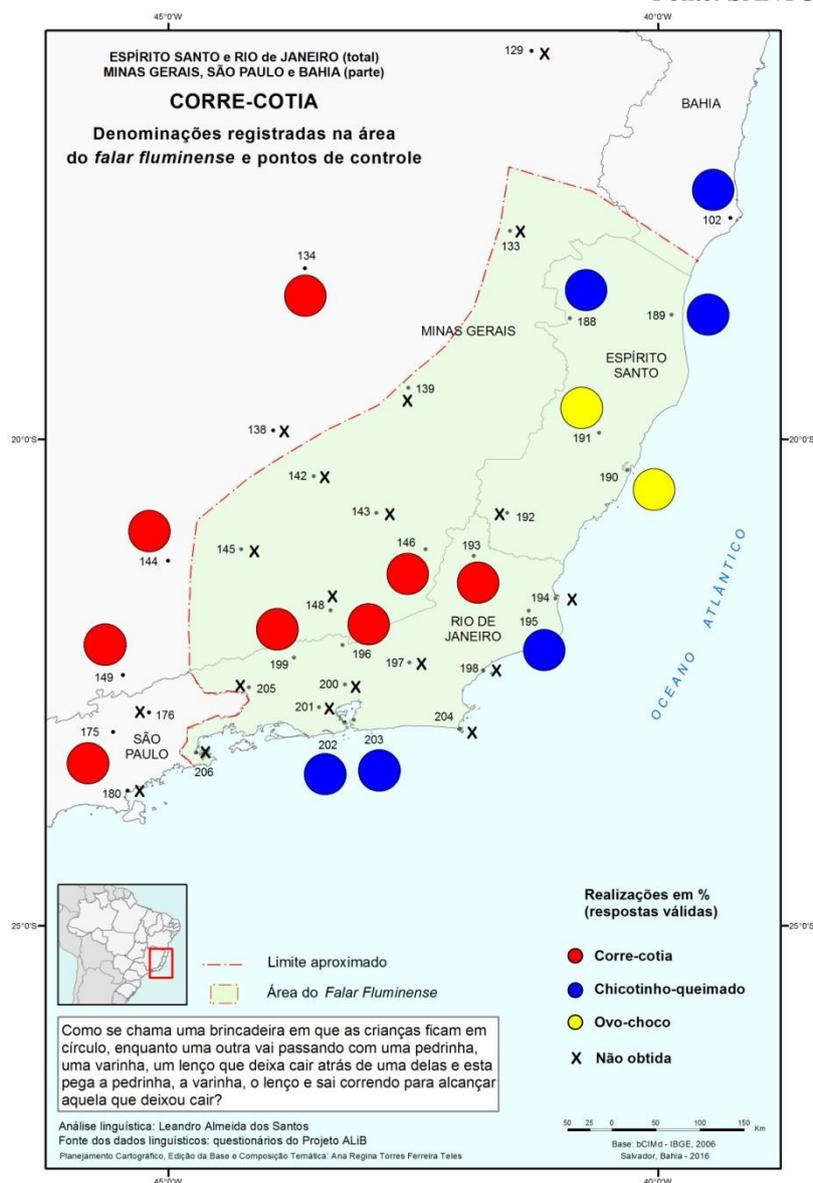


Figura 6 – Carta Linguística 1 – Carta Corre-Cotia

Vale destacar a inovação em cartografar os dados NS/NL/NO, agrupados na forma *não obtida*. Tal feito torna-se importante para os estudos dialetológicos, por se tratar de uma realidade encontrada nas pesquisas dessa natureza, e que, geralmente, ficavam fora do registro cartográfico, além de poder colaborar para o entendimento dos fenômenos estudados e representados no espaço geográfico, deixando de forma explícita os dados encontrados nas localidades, extinguindo possíveis inferências dos leitores das cartas. Ainda, neste sentido, conforme ideias de Rossi:

[...] Convirá, porém, nunca esquecer que a dialetolectologia é essencialmente contextual: fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao

confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área. (ROSSI, 1967, p.104)

Na perspectiva social, algumas falas foram selecionadas, a fim de retratar as percepções dos informantes no que tange a uma brincadeira pertencente ao imaginário folclórico nacional. As formas, conforme o exemplo (01), foram documentadas juntamente com um reforço do marcador temporal de estrutura fraseológica, o que denuncia, de certo modo, uma volta às lembranças do passado por parte dos informantes da faixa II.

- (1) INF.- Foi na minha época, eu conhecia como *maria chiquinha, corre coxia*..
 INQ.- Canta até uma musiquinha, né?
 INF.- Aharam.

(Inq. 193. 04 – Itaperuna/RJ – Inf: mulher, faixa 2, ensino fundamental incompleto, grifo nosso)

Destaca-se na fala do informante (exemplo 02) a importância da escola para a preservação das brincadeiras antigas, dando opções de brincadeiras lúdicas e interacionais para as crianças.

- (2) INF.- *Corre-cotia*..
 INQ.- A primeira que fala, olha que maravilha!
 INF.- Sabe porque? Meu menino chega da escola e fala “Mãe, vamos brincar de *corre-cotia*?” Aqui, ensina na escola.
 INQ.- Olha, que bom! Estão recuperando as brincadeiras do tempo de criança. E vc, brincou disso? Chamava assim?
 INF.- Brinquei, sim, chamava [...] Hoje em dia, as crianças estão muito na tecnologia, né?

(Inq. 146. 02 – Muriaé/MG – Inf: mulher, faixa 1, ensino fundamental incompleto)

Percebe-se que, de posse das informações obtidas com os exemplos 03 e 04 que a seguir são apresentados, no imaginário desses informantes há uma raiz de dicotomização entre brinquedos e brincadeiras de meninos e de meninas. Tal fator, certamente, denuncia as crenças e hábitos dos informantes. Nos dois casos, a falta de resposta é atribuída ao associar a brincadeira ao mundo infantil feminino.

- (03) INF.- Não, também, não conheço não, é mais coisa de menina, né?

(Inq. 192. 03 – Alegre/ES – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

- (04) INF.- O nome eu não sei!

INQ.- O senhor brincou?

INF.- Eu via brincar, é mais menina que brinca.

(Inq. 175. 03 – Taubaté/SP – Inf: homem, faixa 2, ensino fundamental incompleto)

A partir das informações obtidas com o estudo de Santos (2016), passa-se a comparar tais resultados com os estudos feitos em outras áreas dialetais. Conforme as afirmações de Ribeiro (2012), 245 ocorrências foram documentadas; como respostas válidas foram 48, ao passo que 197 ocorrências foram agrupadas em NS/NL/NO, o que denota baixa produtividade da questão, conforme carta linguística 2. A resposta *chicotinho-queimado* foi a mais produtiva, seguida das formas *corre-cutia/la coxia, roda e ciranda/ciranda-cirandinha*, além de 10 respostas únicas. A referida autora

assinala que o baixo número de ocorrências não significou “desaparecimento”, mas pode ser visto como indicativo de “desuso” nas localidades pesquisadas (RIBEIRO, 2012, p. 363).

Fonte: RIBEIRO (2012, p.164)

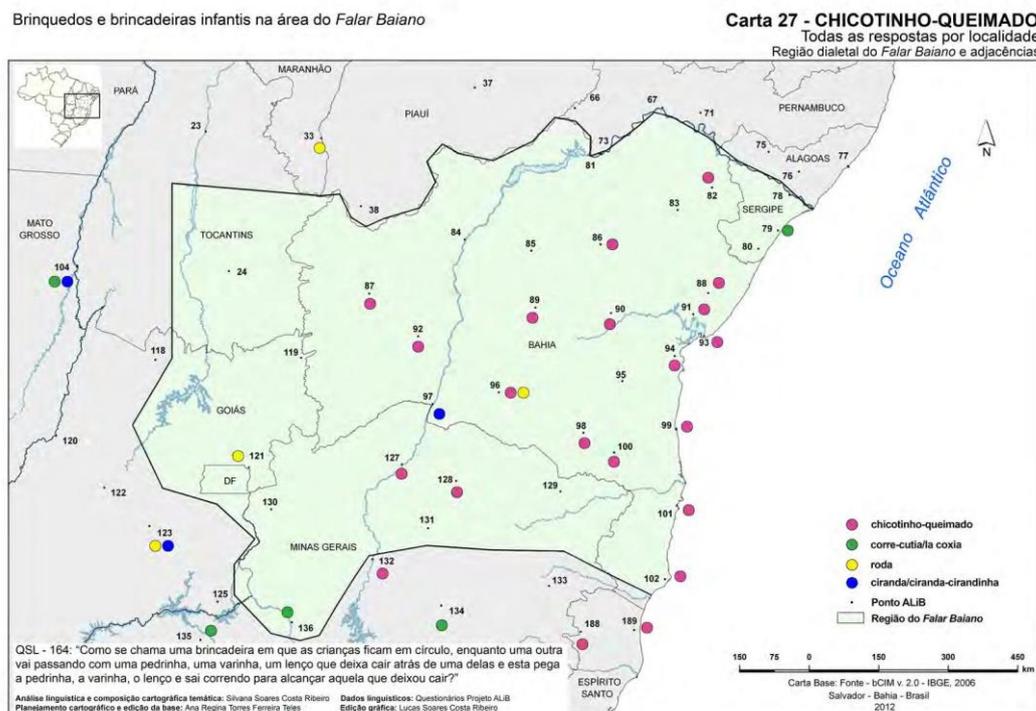


Figura 7 – Carta Linguística 2 – Carta Chicotinho-queimado

Ainda, segundo o estudo de Ribeiro (2012), é lícito ressaltar o número expressivo de segundas e terceiras respostas, tais como, *peteca*, *seta* e outras agrupadas em respostas únicas, por apresentarem índice baixo. Conforme a autora supracitada, tal fato denota o quanto o brinquedo é conhecido e que há várias formas de nomeá-lo. Além da forma predominante, foram obtidas as respostas *atiradeira*, *badoque*, *baladeira* e *beca*.

Segundo o estudo de Portilho (2013), há várias formas de nomear a brincadeira. As mais produtivas foram as seguintes formas: *má-cochila*, *corre-cotia*, *chicote-queimado*, *chicotinho-queimado*, conforme carta linguística 3. No entanto, assim como na área pesquisada por Ribeiro (2012), existe um índice elevado de não respostas, pois do universo de 128 informantes, 108 deles desconheciam o referente em questão (PORTILHO, 2013), sendo os informantes homens os maiores responsáveis para elevação desse índice.

Fonte: PORTILHO (2013, p. 120)

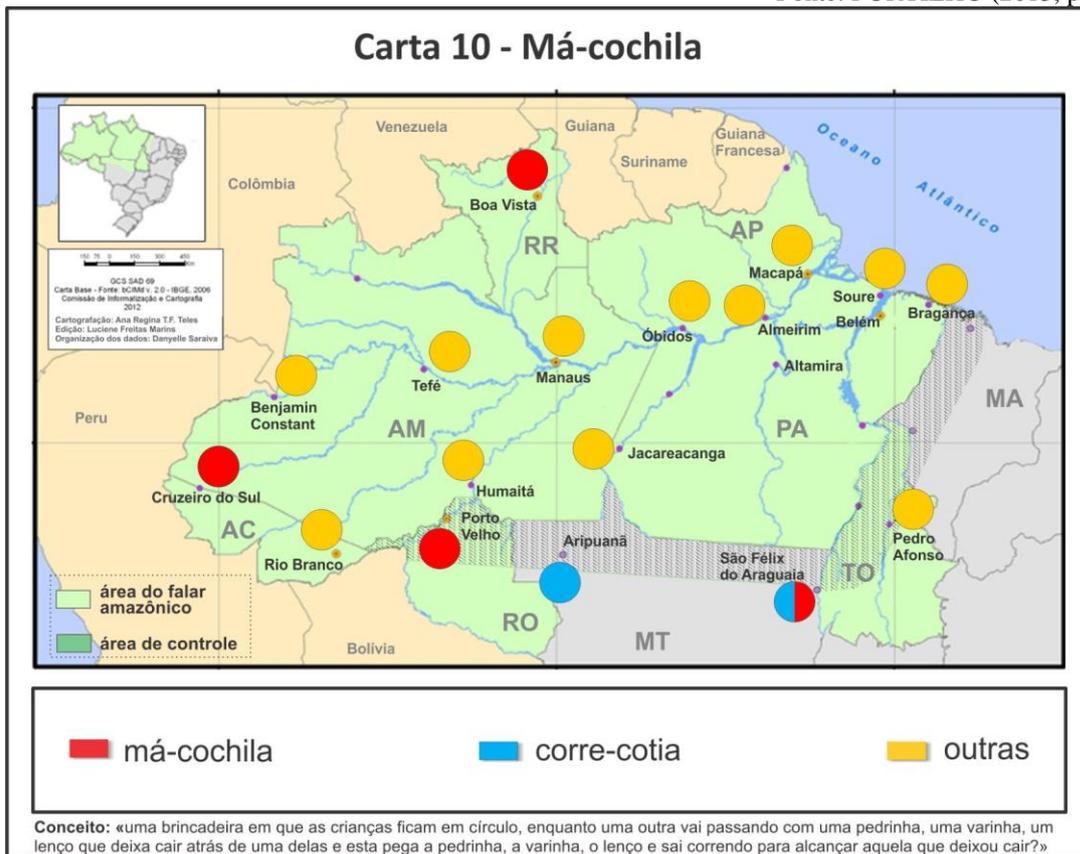


Figura 8 – Carta Linguística 3 – Carta Má-cochila

Desse modo, a partir do cotejo entre os estudos e suas respectivas cartas linguísticas, nota-se que há uma forma predominante em cada falar analisado, embora exista um alto índice de não obtenção de respostas. Com destaque para as formas *corre-cotia*/*corre-cutia* presentes nas três áreas analisadas.

4. Considerações finais

Este estudo objetivou oferecer notícias atuais sobre a difícil tarefa de delimitação de áreas dialetais, que vem sendo alvo de pesquisas por dialetólogos brasileiros, sobretudo com vistas a testar se o traçado feito por Nascentes (1953) se confirma na atualidade. Para o empreendimento, foi feito o levantamento dos dados a partir das respostas fornecidas para a pergunta 164 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, objetivando ter um panorama do Falar Fluminense.

Destaca-se a importância de atentar-se para a socio-história das localidades, pois os fatos culturais vão, de fato, interferir no repertório linguístico dos homens, quando se observa a formação identitária dos povos, a forma de ocupação dos territórios e a cultura local, embora sejam localidades pertencentes à mesma nação. Revela-se, então, a afirmação dos vínculos indissociáveis da língua com a cultura. Assim sendo, os movimentos empreendidos pelos homens e suas itinerâncias são pontos fulcrais para o

entendimento do funcionamento da língua, da difusão das palavras e da variação dos itens lexicais.

No que é atinente aos aspectos verticais, ratifica-se a importância de estudar a língua por tal viés, haja vista que as elocuições dos informantes comprovam o elo entre língua e as transformações sociais ocorridas nas localidades, sejam elas de qualquer natureza. Além disso, considera-se que as crenças, os valores, a ideologia, os mitos, os sentimentos e a identidade dos sujeitos são manifestos por meio da sua elocução, desse modo, caracterizando os aspectos individuais, bem como fornecendo pistas para o entendimento da história da língua e das palavras na comunidade, tais como podem ser notadas nos exemplos dispostos anteriormente.

É necessário enfatizar que é uma tarefa árdua para o pesquisador delimitar áreas linguísticas quando se observa a formação identitária dos povos, a forma de ocupação dos territórios e a cultura local, embora sejam localidades pertencentes à mesma nação. Neste sentido, os movimentos empreendidos pelos homens e suas itinerâncias são pontos fulcrais para o entendimento do funcionamento da língua, a difusão das palavras e a variação dos itens lexicais, como, por exemplo, os caminhos da Estrada Real e as Bandeiras, além dos intensos movimentos de migração para as terras do sudeste brasileiro.

Ao se enveredar pelos caminhos e/ou estudos do léxico, muitas surpresas podem aparecer, haja vista que este é o nível da língua que mais apresenta retratos dos percursos dos homens, além de registrar a história social, cultural e linguística de uma comunidade. Esta seção, por isso, tem como objetivo apresentar os resultados encontrados nesta pesquisa, em síntese, bem como apontar possíveis direções para que se chegue às conclusões, embora se enfatize que outras análises complementares são necessárias, a fim de fomentar as pesquisas sobre a divisão dialetal brasileira.

Através das análises estabelecidas, podem-se tecer algumas considerações, ainda que não definitivas acerca do Falar Fluminense.

- i. A pergunta 164 do QSL do ALiB, “Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?”, caracteriza-se como uma questão de baixa produtividade, uma vez que os três estudos evidenciaram tal fato.
- ii. Várias hipóteses podem ser aventadas sobre o desconhecimento da brincadeira por parte dos informantes, tais como desuso ou substituição por outras brincadeiras.
- iii. Nota-se que o campo semântico *jogos e diversões infantis* vem sendo bastante utilizado para testar as fronteiras dialetais brasileiras.
- iv. Devido à baixa produtividade, como já foi mencionado, não se pode afirmar maiores detalhes sobre os limites do Falar Fluminense. Logo, espera-se que outros estudos sejam desenvolvidos, a fim de elucidar essa questão.
- v. No que é atinente aos aspectos sociais, nota-se, ainda, na contemporaneidade, a propagação de que existem dois universos infantis, os dos meninos e os das meninas.
- vi. *Corre-cotia* foi documentada em toda a área analisada, seguida da forma *chicotinho-queimado*, exclusiva no litoral. A forma *ovo-choco* é exclusiva dos capixabas, embora esta também seja outra questão com grande índice de não obtenção de respostas válidas.

É lícito afirmar que, para o entendimento, cada vez mais, das linhas demarcatórias das diferenças linguísticas do Brasil, sugere-se que outros campos semânticos sejam utilizados, sob a mesma área analisada e/ou áreas não exploradas, para que se tenha, hoje, uma fotografia que revele a faceta dialetal do Falar Fluminense.

Compreende-se a importância de trabalhos desta natureza, uma vez que, ao tomar por base os dados do ALiB, pode-se, hoje, por meio das pesquisas empíricas, aventar uma nova divisão dialetal brasileira, haja vista que, como se sabe, a língua muda e, talvez, as proposições de Nascentes (1953) não mais sejam atestadas na contemporaneidade. Também, destaca-se a enorme colaboração desses estudos, a fim de fortalecer o combate ao preconceito linguístico, uma vez que o estudo da variação e da mudança linguística pode fornecer materiais valiosos para aprimoramento do ensino e aprendizagem da língua portuguesa nas escolas.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, Renato Pereira. *Os falares da Bahia e do Espírito Santo: implicações sob os aspectos dialetológicos*. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org.). *Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2003. v. I. 748 p. ilus. (Coleção Antônio de Morais Silva, Estudos de Língua Portuguesa).
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários*. Londrina: UEL, 2001.
- GONÇALVES, Dinara Cássia Silveira; SILVA, Thaís Fernanda da. As três zonas dialetais em Minas Gerais: discussão dos critérios utilizados para esta divisão. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/zonas-dialetais-mg.html>>. Acesso em 17 ago. 2015.
- MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia. (Org.) *Quinhentos anos de história Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.
- NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. *ORBIS* – Bulletin International de Documentat ion Linguistique, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953.
- PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB*. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.
- PRETI, Dino. Variação lexical e prestígio social das palavras. In:_____. (org.) *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003, p. 47-67.
- ROSSI, Nelson. A Dialectologia. *Revista ALFA*, n. 11. (Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), Marília, SP: FFCL de Marília, 1967, p. 89- 128
- RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012. 752f.

SANTOS, Leandro Almeida dos. *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SIMONSEN, Roberto C. *História econômica do Brasil (1500/1820)*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1977.

ZÁGARI, M. R. L.; RIBEIRO, J. ; PASSINI, J.; GAIO, A. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – v. 1*. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977. v. 1. 244 p.

ZÁGARI, M. R. L. *Os Falares Mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A Geolingüística no Brasil – trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005, v. 1, p. 45-72.